

RELATO DE UM SOBREVIVENTE

ONÇA PINTADA

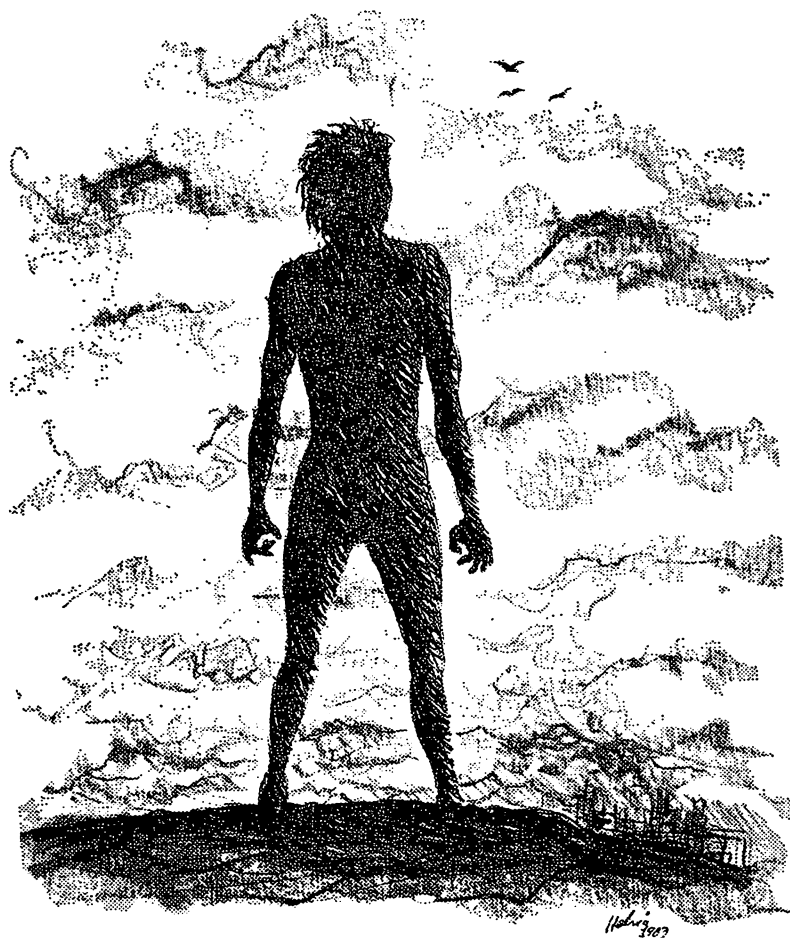
Alan de Freitas Passos

Curso de Filosofia — FAFICH

«The words of the prophets are written on the subway walls and tenement halls, and whisper'd in the sounds of silence.»

(Fragmento de uma canção popular muito famosa na época.)

Três dias. Três dias neste outeiro. É hora de decidir. Creio mesmo que a decisão já está tomada, já me tomou como açúcar bem dissolvido em água. Ou fel. É necessário beber do cálice. Um dia brigamos porque ela estava cansada e não quis coar café, também já era madrugada, mas nada disso era desculpa. A gente nunca chegaria a um acordo sobre o que é um café doce e um café amargo. Incompatibilidade de paladares... Não, não posso me embriagar na vertigem agridoce das reminiscências. Tenho que me resolver, fazer alguma coisa, pensar, não sou enfim um ser racional? É preciso colocar em ordem as idéias, os desejos, como foi mesmo que tudo aconteceu? Terá sido alguns dias após o solstício de junho. Já havia sinais, não há dúvida alguma. Muitos avisavam; falavam de um gosto mais amargo na bebida que vinha dos lagares, de uma ou outra nota desafinada no coro dos campanários, discreta desarmonia no balançar das redouças, uma quase imperceptível deselegância na dança dos hipocampos. Eram budistas, esperantistas, espíritas, ou qualquer destes malucos místicos que ainda gostavam de falar em Era de Aquarius, não sei. O fato é que ninguém ouviu. Quem daria ouvidos aos gritos que escapam à noite dos hospícios, coados pelas grades de suas janelas?



Os que visitaram o cemitério dos filósofos também voltaram perplexos e contaram da última lápide que se erguia à beira de um túmulo enorme, negro, abissal; e a lousa perguntava pelo próximo e dizia não quero o mundo das idéias de Platão, não quero a cruz do Cristo, não quero a dúvida hiperbólica de Descartes, não quero o homem-que-não-deseja de Marx, não quero o homem-que-não-trabalha de Freud, não quero a megalomania

sifilítica de Nietzsche, não quero o desespero de Kierkegaard, não quero a consciência infeliz de Hegel, não quero a contingência niilista de Sartre, quero é o próximo para encher o túmulo e que seja bem grande, decifra-te ou devora-me. E isto gritaram os que visitaram o cemitério dos filósofos, mas ninguém deu importância pois todos estavam muito ocupados em abastecer os automóveis.

E então aconteceu, afinal aconteceu o que por tantos séculos se temia. No início de uma bela noite de plenilúnio a lua foi-se tornando enorme, enorme e cada vez mais brilhante, apagando as estrelas com sua luz cada vez mais intensa, e surgiu um céu plúmbeo e frio como o que costuma anteceder a aurora, e a noite transformou-se em uma espécie de dia morno e gris. Talvez os que sempre manipularam os destinos do planeta tenham afinal resolvido permitir que a notícia se espalhasse, por ser a última. Ou talvez ela nem fosse verdadeira. Certo é que logo todos já sabiam: um desarranjo no sol, numa daquelas explosões que alimentam seu fogo. Ou um conflito nuclear no outro hemisfério, que já não mais existia, era um monte de cinzas. E mais algumas horas de vida para todos, a lua refletindo a enorme fogueira que avançaria inevitavelmente com a rotação do orbe. O calor, o fogo, a morte. Então eu comecei a retirada. Em meio aos aflitos quase perdi meu rumo, desarvorado. Sufocado por gritos, esgares e enganos, não conseguia mais sentir o suave cheiro da rosa-dos-ventos. Vaguei errante como um planeta parece fazer entre as constelações. Até que indaguei as estrelas ainda visíveis naquele céu crepuscular. E era inverno na parte meridional. Sua resposta veio precisa e clara: lá estava Sagittarius, orgulhosa alfaia do centro da galáxia, e como sempre o arqueiro visava o coração rubro de Scorpius, a pulsátil Antares. Virgo continuava ostentando Spica, a espiga, e com ela fazia ademanos à primavera próxima, embora improvável. O tutor de Aquiles, Centaurus, mantinha sua pugna infinda com Lupus, o lobo. Não me enganou o falso asterismo em Vela e Carina. Ao pé de Crux encontrei o meu caminho.

Atravessei a cidade sem que me incomodassem, e demandei as elevações próximas, sem saber bem por quê. Durante a retirada vi que uns arrancaram rins, olhos e outros órgãos e foram ao

mercado vendê-los, mas não encontraram fregueses: só havia frutas podres. Outros se desnudavam na praça e gritavam palavrões. Inútil. Nada adiaría a vinda do dia ineludível. A caminhada foi árdua e por uma vez tive que me deter para conseguir algum calor numa destas fogueirinhas de papelão que fazem os miseráveis. Também tive medo, mas ele apenas acelerou meu coração e meus passos. Vi a violência sob muitas formas: nas ruas e casas pessoas assassinavam seus desafetos e até seres que diziam amar. Outros se entorpeciam com o álcool, a cannabis, o pó brilhante, o bolor do centeio. A igreja foi invadida por desatinados que trucidaram os que queriam orar em paz. Alguns desejavam passar as últimas horas comendo em restaurantes finos, embora abandonados. Outros entravam em automóveis luxuosos e se divertiam atropelando cães e, às vezes, crianças. Os policiais atearam fogo à cadeia deixando que os prisioneiros ardessem, depois foram cuidar de suas famílias, não sei, não vi muitos deles nas ruas. Tropecei em cadáveres, sêmem e sangue, urina e fezes, destroços e ruínas, sujei-me até à náusea. Mas segui o caminho, e muitos eram os retirantes. Não sei quantos resistiram ao caos: quando olhei para a cidade pela derradeira vez tive medo de me tornar numa estátua de sal. Só vi ruínas, morte e destruição. Pensei nos meus amigos e familiares, embora soubesse que meu caminho era único e apropriado apenas aos meus passos. Onde andaria Fabiene? Deitou-se com certeza em seu quarto azul onde ligou a aparelhagem de som no máximo volume. Música de câmara. Acendeu um incenso e velas. Talvez a sexta sinfonia de Beethoven. Imaginou-se uma serra azul-verde batida por chuva de granizo em setembro. Terá chegado ao Canto dos Pastores, pelo menos até à Festa na Aldeia? Ou durante a Tempestade alguém arrombou a porta para tentar violentá-la? Não posso saber. Aquelas foram horas difíceis para as mulheres belas. E Silvana, que sofrimentos lhe terá causado sua boca de morangos, leite e mel, figo maduro? Onde, mesmo no selvagem Reino das Palavras, encontrar uma forma de dizer a boca de Silvana? Beraldo terá sido metralhado na porta de algum quartel depois de ter vagado com sua cartucheira doze atirando em tudo que usasse farda. Terá serrado o

cano da arma e usado chumbo um, deve ter cometido alguns enganos com este critério tão vago, e morreu certamente falando em justiça ou expressão equivalente, se é que existe.

Há três dias e três noites estou aqui, comendo gafanhotos e ervas. Lá embaixo já se acabou o incêndio e a fumaça. Nestes dias a lua decresceu aos poucos como sempre fez, o sol nasceu no leste e se pôs no oeste como há séculos, sem que ninguém pensasse em rezar para que isto acontecesse. Lá está ele agora, subindo pelo meio no horizonte, secando o orvalho e escandindo este canto de pássaros. E lá está de novo aquele grito, aquele chamado que ouvi ontem entre os latidos e ganidos dos cães. É a manhã límpida e pura do quarto dia. É hora de descer e começar a reconstrução.